

***ENTRE O BARRO
E O ABANDONO***

Livro 76

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



JÁ NÃO TE BUSCAREI

Pareceu-me algo mais que um desvario acariciar uma longínqua lembrança convertida em bálsamo. Caprichos triviais criam e sustentam o voo dos sonhos. Ando buscando um desejo parecido ao meu para que sinta alívio, consolo que me ponha a degustar o viver.



AROMAS

Às vezes duvido entre deixar verter lágrimas e contemplar os rumores que me emancipam da tristeza que me acompanha quanto estou sem ti. Não lembro dor tão doída como a de perceber tua vazia presença invadindo-me. Gostaria de haver perdido o interesse frente a esse olhar sem rumo que me deixa invisível. Perco o equilíbrio quando, por cortesia, extrais um sorriso sem sentido, um abraço imitando outro antigo que, sem inspiração, não transporta mais quase nenhum carinho. Resulta-me difícil sob qualquer pretexto me aproximar do teu corpo que alcançava o meu, promovendo tremores, taquicardias e suores. Esses aromas pendentes são mais lembranças que aromas. Não fosse um torturante vazio me rebelaria contra esses indesejáveis fechamentos.

TENTO

Tento parar-me, empurrando minha decepção para outro lugar, onde existam aromas recíprocos, amores escondidos, sorrisos amigos, mãos e braços serenos e espontaneamente a mim dirigidos. Como não posso confiar em labirintos e promessas, não quero sobressaltos que me urjam passos insuportáveis. Não recordo de nenhum carinho emitido, o que hoje lembro é de um olhar que dilui e disfarça, pondo limites à minha necessidade de ser visto e mencionado. Vivo de teus apartes, me meti onde não me querias, e ainda que mantivesse o cuidado, não pude impedir a minha desintegração. Aprisione-me nos temas, poesias e perfumes que insistem em estampar teu rosto no dia que dedico a esquecer-te. Ainda me recordo das revelações, secreções, dos delírios sensuais, do suave gozo depois de passear em teu paraíso.



PALAVRAS GUARDADAS

No silêncio mais avançado, guardadas as palavras, os ruídos, os acontecidos que doem, na condição de busca de alívio, alguma consolação, guardo tudo o que não

posso e nem devo falar. Conferidas as desvantagens, aprovo por meio do voto de silêncio, reúno toda a coragem necessária para calar.



TRANSPORTE

Tendo submetido essa provação à tolerância, retorno ao ponto de partida para justificar tanto esforço. Transporte alguma certeza de que será melhor assim, agito-me como água do mar e deixo transparecer uma tranquilidade, um desinteresse que dispensa complemento.



VOU DE VISITA

Vou-me de visita ao lugar dos guardados, exclusivamente para ver o estado de conservação das palavras, se a privação me tirou o sentido de dar-lhes o brilho, a força da expressão. Para continuar a viver, devo deixá-las viver, de vez em quando passeá-las sem obrigações.

AS PALAVRAS VOLTAM

As palavras voltam com força, tiram desforra do abandono recebido. Ao virem à luz, transgridam, desfiguram, reparam, agudizam, declaram, atingem, veiculam, afirmam, surgem como visitantes que saem do cárcere e vêm me ver, comparecem como testemunhas do acontecido. Vingam-se, surgem em festa, vão ao coração sem medo, estendem os braços, se auxiliam da alegria para atingir a margem oposta, atônitas, tentando entender a exclusão.



DESVIVER

Para demonstrar que vale a pena, estreito meu vínculo, confirmo a consideração, o valor do meu empenho, da minha sede compartilhada, da motivação celebrada com o propósito de anunciar que há que desviver as pendências, deixar o passado no seu devido lugar, única saída para cumprir-se um destino próprio sem submissões cruéis a reiterar uma escravidão consentida.

SOFRER

Abandonando o talento para a dor, desenraizo os males, dou cabo das reiteraões. Restaurar é uma forma benigna de eliminar dores, abolir a angústia desbordada e o sofrer dilatado.



MEUS INTACTOS AFETOS

Meus intactos afetos, minhas intactas alegrias agitam meus silêncios, quando, desacompanhado, me vejo pensando em ti. Devo ir, extrair da dúvida o acerto para tocar no fundo de mim mesmo uma música que me levante e faça-me ter, enfim, uma alegria. Se não houvesse o aroma receitando saudades, nem a estreita via que guarda nossos mistérios, não tivéssemos nos feitos companheiros, ainda que ocasionais, não poderia pedir-te para guardar-me como um bem alienado, escondido, exaurido dos domínios sem domicílios e da conciliação obtida. Vivo de incentivos, passando adiante os receios, as faltas, as coisas ofertadas aos teus sonhos. Seria suficiente dar solução às vontades de contentamento, sagrar as presenças, dar sentido ao virtual, emprestar meu afã de presença até fazê-lo real.

BASTA

Basta de despedidas que desnudam o esquecimento, o amor. Não sei o que se passa, porém basta de noites bem dormidas, basta de perder o vigor, o cabelo, basta de trincheiras, de jogos perigosos, de equivocadas admirações, de abandonos intencionais, da gente fria, das cinzas que já não fumo e de enfermas ameaças, de amantes que nunca o foram e das namoradas que deixaram de ser. Basta das pequenas ambições que nunca alcançam nada, e da destruição promovida, da entrega submetida, do desespero acostumado e das violências de casa e da rua. Basta de arrancar o couro do triste e de empurrá-lo à euforia, basta de atos inexplicáveis que saem ao revés, que convocam à decepção e explodem a inocência em mil pedaços, atirando-a ao ar.



ANTES QUE

Subitamente me pergunto, para que servem tantas poesias se tenho que pôr-me a fazer todas as coisas todos os dias, aceitar a lentidão das mudanças, a preguiça da dissolução e os excessos de cuidados da construção, para que servem, se a modos de rituais

repetem a perda de pedaços, as ausências, os ossos expostos e as mãos vazias? Para que servem tantas poesias se a solidão desafia o amor e a companhia e quase não se conserva a voz e a certeza? Se a ferocidade arranca as asas e a pele e as renega cada vez que andam flutuando; se a solidão está pelas praças, molhes, ruas por onde passeiam os ventos e estacionam as flores e transportam os filhos para encher e deixar vazios assustados com a impiedade nossa de cada dia? Antes de ficar só, não posso esconder que sonho com algo melhor.



MATÉRIA PRIMA

Junto todo esse material de construção, de demolição, nele estão alojadas minhas saudades, portas e janelas colecionadas, recordadas. Invento uma mostra, misturo cheiros, caras, corredores escuros, o homem do saco, as piores notas do colégio, momentos, promessas, esquecimentos, a raiva promovida pelas desobediências, a autorização para sair desacompanhado, o aprendizado de condutor de bicicleta e automóvel, a morte por suicídio de um companheiro de serenatas, as dores de crescimento e minhas muitas despedidas.

DESCULPAS

Peço desculpas por falar de amor em um tempo de tantas dores. A solidão está em todas as grades, as decepções aumentam e a falta de amor anuncia descuidos, tristezas excessivas. Falar de amor faz de mim um estranho que segue com a alma nua. Invento palavras para declarar o quanto quero estar junto, como gosto de gostar, de fantasiar, de inventar histórias ponho cor na melancolia. Ouso prever que seguirei assim. Chorarei comovido, viverei a dor que tiver, gozarei enquanto possa, sentirei a vida em cada ar, aposentarei meus medos para eleger novos fundamentos, menos sofridos. Deixo para o nunca mais as agonias, os desconfortos, as queixas cotidianas, os ódios pequenos, desgastantes.



MÁGICAS

Não quero mais, basta de mágicas que depositam a felicidade nos dias que descubro a ternura escorrendo, minha inocência sem ser dividida. Canso de esperar o sorriso que não vem. Não quero mais mágicas que me convidam a ser amigo e se entremeiam a fotos antigas

e músicas que cruzam o relógio atingindo o meu meio numa saudade sem fim.

Aturdido, tento varrer essas lembranças, enquanto essas mágicas as sopram em direção à minha consciência, ali onde tudo pode ser encontrado, onde me enxergo, onde me ofusco. Elas soltam emoções, ventos, amarras, desatam todos os controles e me deixam face a face com antigos compromissos, livros por ler, com aquele que sou e que fiz por esquecer.



REJEITO

Rejeito a continuação de uma paz não solicitada. Quero uma inclusão, participar, criar, acumular bônus, descongestionar meus fluidos, fazer novos amigos, perder a vergonha, definitivamente deixar vir a paixão e o prazer de viver.

DEVOLUÇÃO

Copiosamente, choro pela falta de abrigo. Acelerado, sou avesso às surpreendentes fugas que me cercam e espantam, tento ficar livre do medo, há multidão de opostos, desolados, faltam liberdades, vertigens, águas claras, freios, consolos, sobram perigos.



DORES INSANAS

Quero devolver as dores insanas, oferendas mal intencionadas, corpos desalojados da virgindade, abraços inacessíveis; quero ensaiar o definitivo, umedecer o rosto com a lágrima sincera, acatar meus enlouquecidos desejos como meus, retornar à quietude desobrigado de falar; quero testemunhar a solidão ameaçado de contágio e comoção. Canso de inaugurar virilidades, cobrir vazios que não me pertencem, constatar o pavor das vítimas e o descaso das omissões.

SER ATÁVICO

Sustento uma desconfiança ancestral, um ser atado, atávico, ator no terreno do tempo, da cena impondo-se ao meu ato. Declaração tímida que não chega a ser dita.



DEIXO SAIR

Por um momento, chega-me inesperadamente, sem que eu saiba de onde, uma sensação que alenta, deixa as mãos suaves e os olhos construtores esquecidos do abandono. Deixo sair da memória o texto estável. Acho-me apto a restabelecer em mim este apreço que distingue o elogio da ofensa, agora devo conduzir o amor a outras insônias. Os sentimentos acendem-me um amor que excede o abandono.

NÃO CONCEDO

Já não concedo o benefício do esquecimento, quero todas as lembranças, desde a origem, doloridas, agrícolas, duvidosas, e juízo, graves, agudas, expostas, secretas, cálidas e caídas, cicatrizadas e as obrigatórias. Quero imitar a vida, criar novos tempos de equilíbrios menos fugazes, de alívios sem motivo, de amores impossíveis, de culpas dissolvidas, de fraquezas superadas, de medos e agonias extraviadas.



SAUDADES DE MIM

Tenho saudades de mim, daquele corpo simples que não precisava cuidar de forma e peso, nem alegar dores, e que hoje, rendido ao tempo, ao uso, cansado, me faz sombra. Abafo, enquanto posso, os gritos que me pedem saída da garganta inquieta, puxo do fundo dos olhos uma retina cansada, numa fatalidade caprichosa, a reconhecer as privações. Salva-se o ânimo que se deleita com novas conquistas. Ponho em

ordem a prosa, as gavetas entulhadas, a errônea forma do meu abdômen crescer. Novos sinais esboçando um prelúdio desconforme examinam minha paciência. Tenho notícias que me igualam aos demais, reduzo a silêncio as minhas.



ENTRE O BARRO E O ABANDONO

Paro no extremo topo, vejo a cena que dali se descortina, enxergo telhados enxertados, roupas no varal, uma água de esgoto corrente como um rio negro, gritos de medo, choros desconsolados, uma menina perdida enxugando as lágrimas e pedindo por sua mãe, um ônibus que fura o sinal, vendedores ambulantes, uma ambulância que vazia que vara a rua gritando uma urgência que não tem. Vejo a superfície da rua com a cor incerta entre o barro e o abandono que envolve tanta gente.

TEU ROSTO

Vi teu rosto refém das lágrimas, reunidas nele as mágoas pesam as dores que não consegues dissimular. Qual a verdade do que sentes? Cada vez que assim te vejo, te olho assombrado com essa aflição íntima. Esse teu rosto traz uma noticia melancólica perdurada que faz de ti essa que estás.



SIMPLES FOTOS TANTAS MEMÓRIAS

Espero que me alcance viver o suficiente para montar uma alegoria. Quero demonstrar nessa singular procura a feliz iniciativa. Sendo agente e participante, induzo uma busca ao passado. Busco viver poucas vezes acompanhado, já que intimidade e segurança não andam juntas. A pressa contradiz o tempo do prazer que necessita tempo para viver. Restauro discretamente a vontade, fortifico os méritos que a curiosidade explora. Acrescento mais um gozo. Contrario as dúvidas, torno assíduo o desejo como um combatente a enfrentar as decepções. Causar espanto é um convite menor a

passar o resto da vida conversando a esse respeito e solicitando mais testemunhas. Aquelas das fotos são memória viva.

Não sei se é útil incluir uma testemunha que me devolva à sensatez, inspirar novas tranquilidades, fazer novas recomendações sem exigir-me recompensas. Esquecer nunca foi meu propósito.



SOLIDÃO

Paro para descansar e o ar pesado adverte que pense acerca da tensão que precede os nossos encontros. Cada um constrói a realidade que precisa. Assim, rememoro os fatos que me convêm, as ideias preconcebidas que me facilitam tornar o mar doce e abreviar o uso da cautela. Despeço-me lentamente. Toco um prelúdio e teu rosto, assumo a despedida anteponho palavras a gestos, inverto a ordem. O espetáculo é singular, mas dei-me prazo para a conclusão. Marquei, apesar de não estar pronto, frequentar uma solidão escolhida.

BEIJO ESCRITO

Nesse labirinto meus medos se escondem atrás das minhas costas, dos meus cotovelos, nos meus calcanhares, fazendo-me doer por inteiro quando de ti sinto saudades. Quais critérios trocam meu sentir pela tua falta de amor? Como um supremo prêmio, deixaste um beijo escrito numa nota de despedida que nunca li. Não foi possível, francamente necessito respostas, busco sossego, sem olhar para cima ou para baixo, duro é manter a cabeça erguida quando me falta sentido para todos os absurdos que comoventemente transformei em lembranças doces, elas voam como pássaros por cima da minha realidade e é quando finjo te procurar.



PROMOTORES DE ESPANTOS

Cubro-me forças para apetecer a festa e o prazer, sinto os suores embriagados pelo vinho. O corpo e a alma cordialmente oferecidos se entregam para viver o melhor que dá cor a todos os meus sonhos. Pronto para interessar uma repetição consentida, me converto em promotor de espantos, viajando por tuas estrelas,

silhueta e tatuagens em direção a teus pontos fracos, entro no teu colo convencido de provocar-te novas sensações. Insisto nessas tentativas de me aproximar de tuas fendas, as deposito na minha solidão para fazer-me companhia. Nossos corpos sitiados se encarregam de legitimar o alvoroço trazido pela alegria e pelo prazer. Bebo todas as vantagens de produzir-te ecos, reincidimos nas carícias, nos gemidos, nos gozos continuados incluindo o agasalho, o segredo e a liberdade que cordialmente agradecidos vivem conosco o melhor deixando um prenúncio de saudades.



OCULTO

Poderia permanecer oculto o sórdido final de lentos e constantes olhares de agonia representando o nada. Seria mais fácil se fosse um amor passageiro. A decepção repetida golpeia, sustenta o sofrimento e o ódio.

AUTO EXILADO

Auto exilado durei até o dia em que por pura distração conheci o acolhimento generoso de quem foi surdo às ofensas. Desprezando a minha arrogância deixou que me aproximasse com uma imprudência típica dos inocentes, espalhado por ali uma devoção que acompanha os que por algum motivo acreditam no amor.



SINERGIAS

Explicar o fenômeno das sinergias seria descobrir a determinação. Sem precipitações decidi expulsar a ignorância, resolvi conhecer o que nunca me foi permitido conhecer. Queria mudar a minha cultura, aliviar situações, expor raízes, replantar significados, florescer novidades.

DESTINO

O destino quis que eu me fizesse cargo da amizade e da fabricação da solidariedade, colocando as velas aos ventos favoráveis atento aos faróis permanentemente acesos. Desembaraçando as marés e repartindo as ondas. Fazer como os mares que não podem beber da própria água.



Roberto Curi Hallal

